



Com alta cobertura vacinal e apesar dos picos recentes, BH e Minas estão entre locais que levaram mais tempo para dobrar total de vítimas

# 'Rápidos' na imunização, 'lentos' em casos e mortes

**MATEUS PEREIRAS**

Apesar de recentes picos de ocupações hospitalares e de transmissão do novo coronavírus (Sars-CoV-2) em meio ao avanço da variante Omicron, Belo Horizonte e Minas Gerais se destacam entre capitais e unidades federativas brasileiras com ritmos mais lentos de óbitos e casos, de acordo com dados da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). O parâmetro utilizado é o de dobra de registros, capaz de situar a aceleração dos índices da doença que já matou quase 640 mil brasileiros desde 2020. A capital mineira é a oitava mais lenta em mortes e a nona em propagação de casos (ou 19ª e 20ª, respectivamente, no ranking dos mais rápidos). Já Minas Gerais é o décimo estado com menor velocidade em dobras de óbitos (18ª na escala dos mais rápidos), embora ocupe a oitava posição em rapidez, com os casos se multiplicam por dois.

A expectativa de que a variante Omicron poderia trazer disparidades de mortes é intensas quanto as experimentadas a partir de julho de 2020 e de janeiro de 2021 no Brasil esbarrou na vacinação, avançada em Minas Gerais e na capital do estado. Mas não vacinados pressionam o sistema de saúde em todo o país. "Considerando os piores períodos (da pandemia), a letalidade da COVID-19 chegou a cerca de 4%. Na variante Omicron, o pico da letalidade até agora é de 0,4%. Existe uma epidemia de não vacinados que lotam os hospitais, sobrecarregando os serviços de saúde e impossibilitando atendimento de outros problemas de saúde que continuam acontecendo. Isso parece ocorrer tanto no Brasil quanto em outros países analisados", avalia a fundação.

A capital mineira já aplicou a primeira dose em 93,56% das pessoas acima de 5 anos. Minas Gerais chegou a 89,96%. Essa população já tomou a segunda injeção ou re-



Ambulâncias na Santa Casa de BH: com 89,96% do público-alvo vacinado com duas doses, cidade levou 4,7 vezes mais tempo que a média da pandemia para última duplicação de casos

cebeu dose única. Do total, 46,08% tomaram também o reforço. Com o acesso às vacinas, BH lentificou o ritmo das mortes, levando mais tempo para dobrar o total de óbitos dos últimos registros. Ao longo da pandemia a cidade levou em média, 73 dias para duplicar os totais de mortes. A última duplicação ocorreu em pouco mais de 2,5 vezes esse tempo, num prazo de 183 dias. Os casos levaram média de 62 dias ao longo da pandemia para dobrar. Para a última dobra, os registros levaram 4,7 vezes esse tempo, chegando a 292 dias.

Comparando com as demais capitais brasileiras, BH só tem um ritmo de mortes mais acelerado do que Brasília, Rio de Janeiro, Palmas, São Luís, Recife, Fortaleza e Natal, sendo esta última a que levou maior tempo para duplicar os registros, num total de 301 dias. No que se refere aos casos positivos identificados, a capital mineira atinge o dobro de resultados mais rápidos do que Salvador, Porto Alegre, Maceió, Rio Branco, Goiânia, Brasília, Florianópolis e Belém, onde os casos levaram 400 dias para se dupli-

car. A Fiocruz destaca que os casos não são necessariamente de pessoas hospitalizadas, mas que testaram positivo, podendo, inclusive, ter permanecido assintomáticas.

Minas Gerais também apresenta boa cobertura vacinal, com 84,9% de pessoas já com as primeiras doses, 80,19% com as segundas ou doses únicas imunitizantes, e 36,57% já tendo recebido reforço, entre os cidadãos com mais de 5 anos. Isso refletiu também em um bom resultado no que diz respeito à velocidade com que o estado atinge o dobro de óbitos. A média durante a pandemia foi de 56 dias para alcançar esse patamar. A última duplicação de vidas perdidas, entretanto, ocorreu em 2,7 vezes esse tempo, num total de 156 dias. Esse prazo só é mais lento na Bahia, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rondônia, Pará e São Paulo, onde a duplicação de mortes ocorreu em 304 dias. Os testes positivos registraram uma frequência média de 46 dias para dobrar no estado e agora levam 127 dias, ritmo 2,7 vezes menor.

**ACELERADOS** Os levantamentos da Fiocruz também levam em consideração os municípios mineiros com mais de 30 casos e que integram as listas dos 50 com registros mais acelerados do novo coronavírus do Brasil. O município de Senhora de Oliveira é o que apresenta o menor prazo de duplicação de exames positivos, com 12 dias, seguido por Santa Rita de Ibitipoca (18), Estrela do Indaia (22), Santa Maria do Saucui (22), Belmiro Braga (24), Senhora do Porto (24) e Albertina (26). As médias mais curtas ao longo da pandemia são de Belo Horizonte, com 62 dias, Montes Claros (64), Governador Valadares (64), Uberaba (66) e Contagem (66).

No caso dos óbitos, os municípios que atingiram o dobro de mortes recentes mais rapidamente em Minas Gerais foram Coromandel, com 10 dias, Monte Carmelo (17), Pitangui (17), Barroso (23), Sete Lagoas (26), Raul Soares (28), Conceição das Alagoas (30), Lagoa Formosa (31), Celso Braaten (31), Lafaiete (33) e Turama (33). As duplicações de mortes ao longo da pandemia têm média mais rápida em Belo Horizonte, com 73 dias, Uberlândia (80), Uberaba (87) e Leopoldina (87).



**VELOCIDADE DA PANDEMIA**  
Confira os dois mais rápidos e mais lentos duplicações de casos e mortes entre estados e o Distrito Federal, o posição de Minas e de BH e a média do tempo de dobra desde 2020 (em dias)

**■ Estados e DF**

**■ Casos**

Posição por rapidez	Local	Última dobra	Média de duplicação
1ª	Ceará	107	53
2ª	Bahia	120	49
8ª	<b>Minas Gerais*</b>	<b>127</b>	<b>46</b>
26ª	Santa Catarina	326	49
27ª	Distrito Federal	357	53

**■ Óbitos**

Posição por rapidez	Local	Última dobra	Média de duplicação
1ª	Santa Catarina	85	68
2ª	Mato Grosso do Sul	93	72
18ª	<b>Minas Gerais*</b>	<b>156</b>	<b>56</b>
26ª	Pará	340	67
27ª	São Paulo	304	53

**■ Capitais**

**■ Casos**

Posição por rapidez	Cidade	Última dobra	Média de duplicação
1ª	Fortaleza	83	76
2ª	Curitiba	81	68
19ª	<b>Belo Horizonte**</b>	<b>292</b>	<b>62</b>
26ª	Florianópolis	363	62
27ª	Belém	400	61

**■ Óbitos**

Posição por rapidez	Cidade	Última dobra	Média de duplicação
1ª	Florianópolis	78	100
2ª	Porto Velho	105	93
20ª	<b>Belo Horizonte**</b>	<b>186</b>	<b>73</b>
26ª	Fortaleza	285	85
27ª	Natal	301	82

(\* Minas é a 10ª unidade da Federação mais lenta em duplicação de mortes e a 20ª em dobra de casos)  
(\*\* BH é a 8ª capital mais lenta em duplicação de mortes e 9ª em dobra de casos)  
Fonte: Fiocruz

**SEIS MESES DE PROTEÇÃO**

A vacina *CoronaVac*, da farmacêutica chinesa *Sinovac*, mantém a proteção contra o vírus da COVID-19 após seis meses da aplicação da segunda dose, mostra estudo de efetividade do Instituto Butantan, no município de Serra, no interior paulista. Segundo a análise, as taxas de anticorpos para se defender da infecção contra o Sars-CoV-2 em todos os faixas etárias se mantiveram acima de 95%. Além disso, a dose de reforço da mesma vacina em idosos aumentou de duas a quatro vezes os níveis de anticorpos. Os dados fazem parte das conclusões preliminares da segunda etapa de serologia e avaliação da resposta imunológica dos voluntários do Projeto 5, como o estudo de efetividade é chamado. Foram feitas três coletas de serologia no município: em julho e em outubro de 2021, e em janeiro de 2022. A última coleta será feita em abril.

## Freio feito também de restrições

A relação direta entre a lentidão da disseminação do novo coronavírus em Minas Gerais, sobretudo em Belo Horizonte, vai além do fator vacinal, na avaliação do presidente da Sociedade Mineira de Infectologia (SMI), o médico Estevão Urbano Silva. "Logo cedo, as autoridades sanitárias da Prefeitura de BH fecharam a cidade e determinaram regras rígidas o suficiente para impedir a circulação do vírus como ocorreu em outros locais. A população comprou essa ideia. Preveniu-se mais. Quando veio a vacina, procurou a vacinação em massa. Isso tudo foi muito importante, pois não aderimos as ideias negacionistas que ainda circulam", afirma o infectologista, que é integrante do Comitê de Enfrentamento à COVID-19 da Prefeitura de Belo Horizonte.

O médico chama a atenção para a necessidade de continuação da vacinação e dos reforços para que não surjam variantes que possam suplantam o poder de fortalecimento do

sistema imunológico ferido pelas vacinas atuais. "Ainda não está clara qual a necessidade de reforços e por quanto tempo a vacina confere a imunidade aos pacientes. E o pior poderia ser o surgimento de outras variantes que necessitem de alterações nas vacinas atuais e até a criação de outros tipos de imunizantes específicos. Por isso devemos fazer o que estiver ao nosso alcance e manter a vigilância. Ainda está longe de essa pandemia acabar", avalia o infectologista.

**ENQUANTO ISSO... ...MG DETECTA MUTAÇÃO DE CEPA**

Pesquisadores identificaram em Minas Gerais a linhagem BA.2 (21I) da variante Omicron. A amostra foi colhida de um paciente morador de Belo Oriente, na Região do Vale do Rio Doce, infectado pela COVID-19 e anunciado o Ministério da Saúde. A descoberta é do Observatório de Vigilância Genômica de Minas Gerais (Vigem-MG), iniciativa de vigilância com o objetivo de monitorar as variantes do COVID no estado. A caracterização da variante foi inicialmente realizada por genotipagem pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). As análises de genotipagem indicaram o perfil de mutações da variante Omicron BA.2 (21I) que foram confirmadas pelo sequenciamento do genoma. Estudos apontam que o perfil é muito similar ao da variante Omicron em geral, com alta transmissibilidade. O coordenador da Rede Corona-Omicron BH-MG, Fernando Spilki, explicou ainda que o monitoramento é importante para compreender eventuais alterações no padrão de disseminação e manter o monitoramento da eficácia de vacina, entre outras aplicações.

## Estado aplica 1ª dose em 30% das crianças de 5 a 11 anos

Minas Gerais alcançou 30% do público infantil vacinado com a primeira dose contra a COVID-19 um mês após o início da imunização das crianças de 5 a 11 anos. Na capital, o percentual chegou a 49,7%. De acordo com dados do Vacinômetro, até ontem, cerca de 1,2 milhão de doses foram distribuídas para os municípios mineiros e mais de 538 mil aplicações em crianças nessa faixa etária — uma média de 18,6 mil doses aplicadas por dia.

O número pode ser maior, já que muitas prefeituras ainda não enviaram os dados de vacinação gradualmente os dados de envio para a Secretaria de Estado de

Saúde (SES-MG). Aproximadamente, 1,8 milhão de meninos e meninas de 5 a 11 anos estão aptos a receber a dose da vacina contra a COVID-19 em Minas Gerais. Entre as cidades com maior cobertura vacinal infantil contra a COVID-19 em Minas Gerais estão Juiz de Fora, na Zona da Mata, com 55,27%. Belo Horizonte (49,7%) e Contagem, na região metropolitana, 43,7%.

O secretário de Estado de Saúde, o médico Fábio Bachheretti, ressalta a segurança das vacinas e pede aos pais e responsáveis que levem os filhos aos postos para receberem o imunizante. "A vacina é segura, tanto da Pfizer

quanto a CoronaVac. O imunizante é a única saída para a pandemia. Temos muitas doses disponíveis e muitas crianças ainda não foram tomadas. Não acreditem em fake news, acreditem em informação de verdade. Tomem a vacina, que é o jeito mais seguro e responsável para atravessar este momento e, de uma vez por todas, vencer a pandemia", destacou Bachheretti, ressaltando que a imunização dos pequenos é fundamental para conter a circulação do vírus e, também, evitar casos graves e mortes.

Por meio de nota, a Prefeitura de BH informou que até a última quarta-feira (9/2) foram imuniza-

das cerca de 88 mil crianças de 5 a 11 anos. Até aquela data, a Secretaria Municipal de Saúde convocou cerca de 177 mil crianças com e sem comorbidade nessa faixa etária, nascidas de fevereiro a julho de 2016, e que tenham ao menos 5 anos na data da vacinação.

A CoronaVac, fabricada no Brasil pelo Instituto Butantan, pode ser aplicada em crianças a partir dos 6 anos de idade, com a mesma formulação e dosagem utilizada para os adultos. Já a Pfizer pediátrica tem formulação e dosagem específicas e pode ser ministrada em crianças a partir dos 5 anos. As doses são importadas dos Estados Unidos.



Em Belo Horizonte, 49,7% do público-alvo infantil já tomou a primeira injeção de imunizante

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

**Seção:** Covid-19 **Página:** 8